

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO**

MIRELA RIBEIRO SANTOS SILVA

**PERFIL ANTROPOMÉTRICO E HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESTUDANTES
DE NUTRIÇÃO**

João Pessoa
2015

MIRELA RIBEIRO SANTOS SILVA

**PERFIL ANTROPOMÉTRICO E HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESTUDANTES
DE NUTRIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientador (a): Prof^ª Msc. Sônia Cristina Pereira de Oliveira.

João Pessoa
2015

S586p

Silva, Mirela Ribeiro Santos.

Perfil antropológico e hábitos alimentares dos estudantes de Nutrição / Mirela Ribeiro Santos Silva. - - João Pessoa: [s.n.], 2015.

48f. : il.

Orientadora: Sônia Cristina Pereira de Oliveira.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Hábitos alimentares. 2. Antropometria. 3. Estudantes - Nutrição.

BS/CCS/UFPB

CDU: 612.3:159.943.7(043.2)

MIRELA RIBEIRO SANTOS SILVA

**PERFIL ANTROPOMÉTRICO E HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESTUDANTES
DE NUTRIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

APROVADO EM ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Msc. Sônia Cristina Pereira de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora

Prof^ª. Msc. Ilka Maria Lima Araújo
Universidade Federal da Paraíba
Membro interno da banca examinadora

Msc. Raquel Patrícia Ataíde Lima
Universidade Federal da Paraíba
Membro externo da banca examinadora

A Deus, por ser essencial em minha vida e minha família, a base de todo carinho.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pois durante toda a minha caminhada a sua presença tem sido real e impactante. Sem ele eu não teria forças para essa longa jornada.

Aos meus pais, **Clodoaldo Silva e Celi Ribeiro**, que com simplicidade e sabedoria me ensinaram a vencer dia após dia sem me prender aos obstáculos, pelas suas palavras de incentivo e seus gestos de compreensão.

Ao meu irmão e Cunhada, **Filipe e Nathalya Ribeiro**, pessoas tão especiais que não pouparam esforços para que o sorriso que trago no rosto fosse possível.

Ao meu namorado e amigo, **Andreson Azevedo**, pelo seu companheirismo durante essa árdua jornada, pela colaboração, amor, paciência e pela sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

A professora e orientadora, **Sônia Pereira**, pela dedicação, conselhos e paciência no decorrer de todo o trabalho. Pelo exemplo de profissional competente e acima de tudo ética.

A querida **Raquel Ataíde**, pela força, suporte e principalmente pelo carinho. Um exemplo de profissional de dedicada, ética e competente.

A todos da **minha família** por todo amor e confiança em mim e na minha vitória.

As Amigas, **Mychelen Oliveira e Luciana Maria**, pela a atenção, incentivo e ajuda na coleta de dados.

As amigas, **Pamela Alexandria e Talita Rabelo**, por sempre estarem dispostas a ajudar e pelo grande apoio.

As amigas, **Tamires Sena, Danielle Correia, Germana Freire, Izabel Almeida, Vanessa Galvão, Ana Gabriela, Priscilla Karolline, Layse Ramos, Jéssica Moreira**, por toda convivência, partilha e alegrias ao longo do curso.

Agradeço a todos os **professores** da Universidade Federal da Paraíba, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Aos **alunos do curso de nutrição**, que se disponibilizaram a participar dessa pesquisa, colaborando com a coleta de dados.

A **todos**, Deus os abençoe hoje e sempre.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo avaliar o perfil antropométrico e hábitos alimentares dos estudantes de nutrição, e relacionar os hábitos por período. Tratou-se de um estudo de corte transversal, de abordagem quantitativa e descritiva. A amostra foi composta por 153 estudantes, selecionados aleatoriamente sendo eles de ambos os sexos, com questionários que abordaram dados antropométricos e consumo alimentar. Os dados foram avaliados quanto à normalidade através do teste de Lilliefors e para a comparação das médias foi utilizado o teste – t, considerando para todas as análises estatísticas nível de significância 0,05 ($p < 0,05$). Constatou-se que a grande maioria dos avaliados estavam eutróficos (74,5%) e a média da circunferência da cintura (72 cm) não apresentando possíveis riscos para complicações metabólicas. O hábito alimentar dos universitários em relação às frutas apresentou-se adequado (68%) e dos vegetais inadequado (88,8%) para a maioria deles. As médias para o grupo de pães, cereais, arroz e massas (5,6 porções/dia) encontra-se adequada, quanto à de açúcar/doces (14,34 g/dia) e a de leite e derivados (1,74 porções/dia) encontram-se inadequadas. Na análise das médias, em relação aos períodos, quanto ao consumo de vegetais, leite e derivados, pães, cereais, arroz e massas, há um aumento no decorrer dos períodos e o de frituras diminui e quanto ao consumo de açúcar/doces há um maior consumo no início. Em conclusão, foi possível observar um bom perfil antropométrico e quanto ao consumo alimentar existem variações quanto à adequação e inadequação entre os grupos, porém esses hábitos melhoram positivamente ao decorrer do curso, mostrando assim que os conhecimentos adquiridos pode ser o grande influenciador para essas mudanças.

Palavras-Chaves: Hábitos Alimentares, Antropometria, Estudantes, Nutrição.

ABSTRACT

This research aimed to evaluate the anthropometric profile and eating habits of nursing students, and relate the habits per period. This was a cross-sectional study, quantitative and descriptive approach. The sample consisted of 153 students randomly selected and they both sexes, questionnaire which included anthropometric data and food consumption. Data were assessed for normality using the Lilliefors test and the statistical analysis we used the t - test, considering for all statistical analyzes significance level of 0.05 ($p < 0.05$). It was found that the vast majority of reviews were eutrophic (74.5%) and the average waist circumference (72 cm) showing no possible risk of metabolic complications. The feeding habits of college for fruit proved to be appropriate (68%) and inadequate vegetables (88.8%) for most of them. The average for the group of breads, cereals, rice and pasta (5.6 servings / day) is adequate, as the sugar / candy (14.34 g / day) and the milk and dairy products (1.74 servings / day) are inadequate. In the mean analysis, for the periods, as the consumption of vegetables, dairy products, breads, cereals, rice and pasta, there is an increase over the periods and the fried foods and decreases as the consumption of sugar / sweets there is a higher consumption at the beginning. In conclusion, we observed a good profile anthropometric and food consumption as there are variations on the appropriateness and inappropriateness between the groups, but these habits positively to improve during the course, thus indicating that the acquired knowledge can be the great influencer for these changes .

Keywords: Food habits, Anthropometry, Students, Nutrition.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Estado nutricional de adultos, segundo IMC	27
TABELA 2 – Classificação do risco de morbidades, segundo CC	27
TABELA 3 – Características demográficas e antropométricas da população de estudo.....	29
TABELA 4 – Consumo médio habitual dos alimentos da população de estudo	30
TABELA 5 – Relação do consumo de vegetais com os períodos da população de estudo.....	31
TABELA 6 – Relação do consumo de açúcar e doces com os períodos da população de estudo.....	31
TABELA 7 – Relação do consumo de frituras com os períodos da população de estudo	32
TABELA 8 – Relação do consumo de leite e derivados com os períodos da população de estudo.....	32
TABELA 9 – Relação do consumo de pães, cereais, arroz e massas com os períodos da população de estudo.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Relação do consumo de vegetais com os períodos da população de estudo ..	31
GRÁFICO 2 – Relação do consumo de frituras com os períodos da população de estudo	32
GRÁFICO 3 – Relação do consumo de leite e derivados com os períodos da população de estudo.....	33
GRÁFICO 4 – Relação do consumo de pães, cereais, arroz e massas com os períodos da população de estudo.....	33

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Pirâmide alimentar.....	26
---	-----------

LISTA DE SIGLAS

CC	Circunferência da Cintura
DCNT	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
EV	Estilo de Vida
IMC	Índice de Massa Corporal
OMS	Organização Mundial de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 REFERÊNCIAL TEÓRICO	16
3.1 HÁBITOS ALIMENTARES E SUA INFLUÊNCIA NO HOMEM	16
3.2 COMPORTAMENTOS ALIMENTARES	17
3.3 A ALIMENTAÇÃO NO MEIO ACADÊMICO	18
3.4 ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO	19
3.5 ESTADO NUTRICIONAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS	20
3.5.1 Antropometria	21
3.6 ACADÊMICOS DE NUTRIÇÃO	22
3.7 IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AO NUTRICIONISTA	23
4 METODOLOGIA	25
4.1 TIPO DE ESTUDO	25
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	25
4.3 COLETA DE DADOS	27
4.4 QUESTÕES ÉTICAS	27
4.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO	28
5 RESULTADOS	29
6 DISCUSSÃO	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	44
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	44
APÊNDICE B – Ficha do perfil nutricional	45
ANEXOS	46
ANEXO A – Questionário sobre hábitos alimentares	46
ANEXO B – Certidão	48

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil vem passando por um período de transição nutricional, caracterizado pela queda nos índices de desnutrição e aumento das taxas de sobrepeso e obesidade. Este quadro reflete a influência da industrialização e da importação de hábitos alimentares ocidentais, que são marcados pelo alto consumo de alimentos processados, de baixo teor nutricional e alto valor energético em detrimento da ingestão de frutas, verduras, legumes e cereais integrais (LÓPEZ et al., 2006).

O consumo e o hábito alimentar são influenciados, entre outros fatores, pelas questões culturais, avanços tecnológicos na produção de alimentos, processo de industrialização, propagandas veiculadas pelos meios de comunicação e, principalmente, pela condição socioeconômica (SANTOS et al., 2005).

As mudanças na alimentação parecem ter um impacto maior, pois alterações no estilo de vida da população refletem automaticamente em seus hábitos alimentares. Exemplos como aumento no consumo de alimentos fora de casa, tendo um substancial aumento na década de 90, constituindo cerca de 25% do total de gastos com alimentação (NEVES, CHADDAD, LAZZARINI, 2002); do consumo de alimentos semiprontos e maior preocupação com a saúde e qualidade de vida. DaMatta (1984 apud CASOTTI et al; 1998, p. 4) enfatiza que “o jeito de comer define não apenas aquilo que é ingerido como também aquele que a ingere”

Com a inserção na Universidade, os jovens podem sentir dificuldades em prover sua própria alimentação sem a orientação da autoridade parental, pois são influenciados por diversos fatores como novas relações sociais, estresse, instabilidade psicossocial, modismos dietéticos, omissão de refeições, consumo de fast foods, consumo de álcool e cigarros (FIATES; SALLES, 2001; VIEIRA et al., 2002; ALVES; BOOG, 2007).

Devido a essa nova etapa na vida de muitos jovens, algumas mudanças podem ocorrer e uma delas é no estado nutricional. Isso pode favorecer ao desenvolvimento de desvios nutricionais como, baixo peso, excesso de peso, carências nutricionais específicas e doenças crônicas não transmissíveis, ou seja, os estudantes tornam-se mais vulneráveis às circunstâncias que colocam em risco a sua saúde (TORAL et al., 2006; CARMO et al., 2006).

Os hábitos alimentares dos estudantes universitários vêm sendo avaliados e em sua maioria, há uma baixa prevalência de alimentação saudável, com elevada ingestão de alimentos doces e gordurosos e baixa ingestão de frutas e hortaliças (VIEIRA et al., 2002). Segundo Vieira et al., (2002), os maus hábitos alimentares desses universitários poderiam estar sendo influenciados pelos novos comportamentos e relações sociais, sugerindo indícios

de compulsão alimentar em alguns alunos que, ansiosos, podem transformar a alimentação em “válvula de escape” para as situações de estresse físico e mental.

Com isso, a avaliação do padrão alimentar dos universitários é importante para determinar o hábito alimentar desse grupo e perceber desequilíbrios nutricionais (SANTOS et al., 2005; BARBOSA; MONTEIRO, 2006; FALCÃO-GOMES, 2006).

Segundo Salvo (2005) “é relevante à necessidade de avaliar o estado nutricional e os hábitos alimentares dos estudantes do curso de Nutrição, uma vez que estes estarão atuando na orientação e educação dietética a indivíduos e populações”.

O presente estudo contribuirá para avaliar se os estudantes de nutrição, na prática, mudam os seus hábitos alimentares ao decorrer do curso, ou seja, se o conhecimento adquirido promove mudanças no comportamento alimentar e se o perfil nutricional se enquadra nos padrões reconhecidos como adequados. Visto que, no futuro, serem os disseminadores dessas informações.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o perfil antropométrico e hábitos alimentares dos estudantes de nutrição.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os hábitos alimentares dos estudantes de nutrição;
- Avaliar o perfil antropométrico dos estudantes;
- Relacionar os hábitos alimentares dos estudantes de nutrição por período.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 HÁBITOS ALIMENTARES E SUA INFLUÊNCIA NO HOMEM

A alimentação é um dos principais fatores para a sobrevivência e manutenção dos seres vivos, seus hábitos alimentares são desenvolvidos decorrentes a convivência com a sociedade (FRIZON, 2008).

Segundo Mendonça (2010) a formação dos hábitos alimentares começa desde o processo de aleitamento materno, do modo e tempo em que é realizado pela mãe, que nessa fase é a precursora da construção e transferência de bons hábitos alimentares aos filhos. Em seguida, na fase pré-escolar e escolar é importante a insistência com os horários, quantidade e tipos de alimentos ofertados, a atuação da família é fundamental.

O contexto cultural do homem é que vai caracterizar a forma pela qual vai se obter e consumir os alimentos, os valores atribuídos a ele de acordo com a sociedade e alguns fatores que estão inter-relacionados como religião, estrutura social, psicológicos, entre outros. A mudança de hábitos dos indivíduos, muitas vezes está relacionada a satisfazer as suas necessidades (FRIZON, 2008).

De acordo com Frizon (2008), o poder aquisitivo de um povo é que vai determinar os seus hábitos alimentares e, para a alimentação ser completa, não significa que se devam introduzir no organismo todos os princípios nutritivos, os quais são vistos como indispensáveis à vida. O que é preciso considerar é que esta alimentação tem que ter o poder de saciar, sendo ela, sobretudo, individual.

Mezomo (2002) fala que atitudes, crenças e práticas alimentares formuladas pela cultura de um povo são consequências da luta para obter alimentos numa quantidade suficiente, determinando assim as atividades sociais deles.

O hábito alimentar faz parte da cultura do indivíduo fazendo com que ele se integre ao seu grupo. Quando há mudanças bruscas no hábito alimentar desse indivíduo, problemas sérios ocorrem sejam eles de ordem psicológicas como fisiologicamente. Mezomo (2002, p.11), afirma que “[...] quando há necessidade de se modificar ou melhorar um hábito alimentar, deve-se educar a população de forma paulatina”.

Há dois tipos de mudanças de hábitos alimentares: a dirigida e a espontânea. A primeira fala do desejo que o indivíduo tem de consumir alimentos que irá proporcionar um maior prestígio social e a segunda é desenvolvida baseada em conhecimentos científicos (FRIZON, 2008).

3.2 COMPORTAMENTOS ALIMENTARES

O comportamento alimentar é algo complexo, onde o estilo de vida norteia a alimentação, como o local, horários, número de companhias nas refeições e condições socioeconômicas. As informações nutricionais provocam mudanças na escolha dos alimentos e, dependendo da trajetória do indivíduo no seu curso de vida, estas mudanças poderão ou não ser convenientes (ZACCARELLI, 2005).

Para Garcia (2003), o comportamento alimentar é complexo e inclui determinantes externos e internos ao sujeito, sendo que o acesso aos alimentos, na sociedade moderna, é determinado pela estrutura socioeconômica, envolvendo as políticas econômica, social, agrícola e agrária.

No estudo do comportamento alimentar, é importante considerar as seguintes terminologias: uso: o que comemos e a quantidade de cada alimento, preferência: escolha entre um ou mais alimentos associada, muitas vezes, à situação e o gosto: alimentos que mais agradam ao paladar de um grupo ou pessoa (BORGES; LIMA FILHO, 2004).

O comer consciente, está relacionado a prestar atenção aos sinais de fome e saciedade. Envolve a diminuição do ritmo das refeições, valorizando a mastigação e o ato de saborear os alimentos; alimentar-se distante de distrações como televisão e computador; estar ciente dos sinais de fome e saciedade e utilizá-los para tomar a decisão de começar e terminar as refeições; reconhecer as respostas aos alimentos, como gostar e não gostar; escolher os alimentos que sejam prazerosos e nutritivos utilizando todos os sentidos ao comer; ter conhecimento e refletir sobre os efeitos causados por uma alimentação inconsciente, por exemplo, motivada por angústia, tédio ou tristeza e praticar a meditação como parte da vida (MATHIEU, 2009).

As práticas alimentares vão manifestar conflituosamente às oscilações do comportamento alimentar formado por representações construídas ora pela preocupação com a saúde, ora pelo desejo, adequando-se ora à “saúde”, ora ao “paladar” toda herança que estruturou o gosto, os rituais alimentares acompanhados de preparações oportunas às diferentes situações, são parte permanente das práticas alimentares (GARCIA, 2005, p. 216).

O comportamento do consumidor de alimentos é influenciado por vários motivos, segundo Casotti (2002) são: o tempo cada vez menor para preparar as refeições, ou seja, a necessidade de um alimento rápido e conveniente; a maior frequência com que famílias comem fora; a menor frequência que famílias se reúnem à mesa para as refeições e a preocupação com o peso e os riscos associados aos produtos alimentares.

A alimentação saudável, por exemplo, está relacionada com indicadores de proximidade em relação à família, colegas e escola, bem como a uma percepção de bem estar pessoal e social (MATOS et al., 2001, p.7).

Os hábitos sociais podem interferir no aproveitamento dos alimentos (SORBELLO, 2006):

- Fartura na oferta de produtos alimentares nem sempre necessários.
- Comer por “gula” (perda da saciedade); erros de dieta.
- Shoppings (centrais de comércio, alimentação e diversão).
- Meios de transporte automotivos (a necessidade de locomoção atualmente é atendida por eficiente sistema de transporte onde o gasto energético é minimizado para a maioria das pessoas).

3.3 A ALIMENTAÇÃO NO MEIO ACADÊMICO

Para Silva et al., (2011) alguns fatores do estilo de vida podem ser introduzidos no cotidiano dos jovens no momento da transição do ensino médio para o superior, momento em que ocorre questionamento de valores, crenças e atitudes empregados pela família no processo de educação. Estes questionamentos podem refletir em um novo comportamento que, por consequência, pode determinar um estado de saúde de forma mais positiva ou negativa.

Quanto aos aspectos relacionados ao EV, reporta – se ao cotidiano da população universitária e da observação empírica da prática, aonde se evidenciam situações como: carga horária extensa em sala de aula e campo de estágio, sendo que as atividades complementares são desenvolvidas em outro período, geralmente no horário de refeições, à noite, finais de semana e feriados; uso abusivo de álcool e outras drogas; reduzido tempo de sono/repouso; hábito alimentar inadequado; não realização de atividade física regular; ansiedade/angústia constante pela cobrança do desempenho acadêmico; adaptação à outra cidade; afastamento temporário da família, namorado(a) e amigos(as) (SOARES; CAMPOS, 2008).

Os alunos que ingressam na Universidade sofrem modificações nos seus comportamentos alimentares, sejam eles devido à moradia distante dos seus familiares e com isso tem menos influência dos pais, ficando assim mais livres para tomar decisões do que querem, onde, com quem comer a mudança de ambiente e pessoas, a cultura e ter que conciliar estudo com trabalho muitas vezes. Todas essas características podem refletir nas mudanças de hábitos alimentares de forma que o tempo para se alimentar fica cada vez menor

e muitos deles optam pelo fast food ou até mesmo não fazem as refeições (BORGES; OLIVEIRA, 2004).

No Reino Unido, a cada dois anos é realizado o estudo Sodexo University Lifestyle Survey (SODEXO, 2012). Esse estudo é realizado através de uma pesquisa feita com entrevistas online com estudantes universitários de todo o país, onde avaliam a necessidade do aluno. Em 2012, na sua ultima versão, foram encontrados os seguintes resultados: no domínio nutrição, menos da metade (43,0%) afirmaram tomar café da manhã todos os dias, enquanto 12,0% afirmaram que nunca o tomavam. Entre outras descobertas, o estudo constatou que 45,0% dos avaliados não almoçavam pelo menos uma vez na semana e que a refeição mais regular foi o jantar (80,0%). Não obstante, 81,0% disseram que faziam esforço para se alimentar de forma saudável (BRITO; GORDIA; QUADROS, 2014).

Segundo Vieira (2002) e Garcia (2003), a entrada na Universidade é uma época adequada para se colocar em prática medidas preventivas, pois esta prevenção terá como objetivo impedir que os maus hábitos alimentares adquiridos pelos estudantes persistam por toda a vida adulta.

3.4 ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO

A alimentação e nutrição constituem requisitos básicos para a promoção e a proteção da saúde, possibilitando a afirmação plena do potencial de crescimento e desenvolvimento humano, com qualidade de vida e cidadania (BRASIL, 2012).

A alimentação saudável baseia-se no fracionamento das refeições e no equilíbrio do consumo dos alimentos expressos na pirâmide alimentar, sendo consumidos em quantidades adequadas, respeitando os grupos e as necessidades energéticas dos indivíduos (GIL, 2005). A alimentação quando não é correta, ou seja, rica em gorduras e açúcares causa prejuízos à saúde do individuo podendo acarretar em DCNT.

Visto que a alimentação depende da vontade do individuo totalmente e para que sua alimentação seja saudável é necessário ingerir todos os grupos de alimentos nas porções corretas, causando assim uma boa nutrição.

De acordo com Rodrigues, Soares e Boog (2005), as escolhas alimentares consideram uma diversidade de fatores, os alimentos que nos agradam, o modo como preparamos os alimentos, disponibilidade, tipo e quantidade dos mesmos e o que conhecemos sobre estes. De acordo como Guia Alimentar para a População Brasileira, todos os grupos de alimentos devem compor a dieta diária e a alimentação saudável deve fornecer água, carboidratos,

proteínas, lipídios, vitaminas, fibras e minerais, os quais são insubstituíveis e indispensáveis ao bom funcionamento do organismo. A diversidade dietética que fundamenta o conceito de alimentação saudável pressupõe que nenhum alimento específico ou grupo deles isoladamente, é suficiente para fornecer todos os nutrientes necessários a uma boa nutrição e consequente manutenção da saúde (BRASIL, 2006).

Frente a essas questões destaca-se a preocupação atual dos serviços de saúde com a alimentação e o estilo de vida dos jovens. Algumas pesquisas avaliaram os hábitos alimentares de estudantes universitários, sendo observada, em sua maioria, baixa prevalência de alimentação saudável, com elevada ingestão de alimentos doces e gordurosos e baixa ingestão de frutas e hortaliças (VIEIRA, 2002).

3.5 ESTADO NUTRICIONAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

O estado nutricional de um indivíduo reflete o grau pelos quais as necessidades fisiológicas de nutrientes estão sendo atendidas. A ingestão de nutrientes depende do consumo real de alimentos, que é influenciado por muitos fatores. Estes fatores incluem condição econômica, comportamento alimentar, ambiente emocional, influências culturais e os efeitos das várias doenças, no apetite e na capacidade de consumir e absorver nutrientes de maneira adequada (MAHAN E SCOTT STUMP, 2010).

De acordo com a OMS, os indicadores antropométricos devem ser utilizados na determinação do estado nutricional e de saúde de indivíduos e coletividades, sendo importantes no diagnóstico e acompanhamento da situação nutricional e crescimento corporal (WHO, 1995).

A avaliação do estado nutricional é importante, pois é uma forma de detectar alguns problemas nutricionais, o que irá colaborar para a promoção ou recuperação de saúde (MARCHIONI et al., 2004). Irá também estabelecer os efeitos da ingestão de alimentos na composição corporal e na capacidade dos indivíduos se adaptarem em seu meio (HERRERA et al., 2003).

O estado nutricional reflete o grau em que as necessidades fisiológicas estão sendo alcançadas, ou seja, a relação entre o consumo de alimentos e as necessidades nutricionais dos indivíduos (MARCHIONI et al., 2004). Devido a isso podem aparecer casos de obesidade e magreza (HERRERA et al., 2003).

Estudos feitos por Marcondelli, Costa e Schmitz (2008), sobre nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde foram

analisados o IMC e identificou-se que os alunos do Curso de Nutrição possuem o maior percentual de baixo peso (26,8%) e o menor percentual de sobrepeso (7,3%), quando comparados aos demais.

3.5.1 Antropometria

O estado nutricional expressa o grau em que as necessidades fisiológicas por nutrientes estão sendo alcançadas para conservar a composição e as funções adequadas do organismo, o que resulta no equilíbrio entre ingestão e necessidade de nutrientes (ACUNA, 2005).

As alterações do estado nutricional contribuem para aumento da morbimortalidade. Diversos estudos tem demonstrado que o Brasil, assim como outros países em desenvolvimento, convive com a transição nutricional, determinada frequentemente pela má alimentação. Os resultados de inquéritos populacionais realizados no Brasil, desde a década de 1970, tem apresentado uma redução das prevalências de baixo peso em ambos os sexos, em diferentes fases da vida e em todas as regiões do país. Ao mesmo tempo em que se assiste a redução continua dos casos de desnutrição, são observadas prevalências crescentes de excesso de peso, o que contribui para o aumento das doenças crônicas não transmissíveis (COUTINHO, 2008).

Como indicadores de estado nutricional para demonstrar alterações biológicas dos indivíduos ou identificar problemas existem diferentes procedimentos, técnicas e métodos. A avaliação nutricional é uma das maneiras de identificar alterações biológicas dos indivíduos, a exemplo problemas nutricionais (MEZADRINI E GRILLO, 2000).

Um componente da avaliação nutricional, que utiliza as medidas físicas é a antropometria. Ela envolve a obtenção de medidas físicas de um indivíduo e relacioná-las com um padrão que reflita o crescimento e desenvolvimento deste indivíduo (MAHANE STUMP, 2010).

Na antropometria investigam-se as variações nas dimensões físicas e na composição geral do corpo humano, a partir de exames ou medições individuais. A somatória das medidas individuais possibilita uma indicação do estado nutricional da comunidade ou população (VASCONCELOS, 2000).

Dentre as vantagens da utilização da antropometria cita-se o fato de ser um método não-invasivo, os equipamentos são portáteis e de baixo custo, o que facilita seu uso em

estudos de campo (MORENO et al., 2003). Dentre as limitações destaca-se o fato de não detectar deficiências específicas de nutrientes (DUARTE e CASTELLANI, 2002).

Entre as medidas antropométricas, o peso e a altura são referidos como as medidas mais sensíveis e específicas para a avaliação do processo de crescimento e desenvolvimento e, portanto, avaliação do processo nutrição e saúde (VASCONCELOS, 2000). O peso corporal, como um indicador do estado nutricional, revela mais exatamente as alterações e efeitos a curto prazo dos componentes corporais. As disfunções nutricionais não alteram a altura nos adultos, mas têm influência direta nos componentes corporais e, por esta razão, na massa corporal (HERRERA et al., 2003).

Na prática clínica diária, a realização do cálculo do índice de massa corporal (IMC) e a circunferência da cintura (CC), como indicador para avaliação de gordura visceral, são simples e confiáveis (GERALDO e COLABORADORES, 2008).

Estudos feitos por Chan et al., (2003), verificaram, que a CC é o índice antropométrico que mais uniformemente prediz a distribuição do tecido adiposo entre os vários compartimentos de gordura na região abdominal. Eles concluem que a CC diagnostica melhor o tecido adiposo intraperitoneal que o IMC.

Vale à pena ressaltar que para uma melhor avaliação do individuo é preciso observar uma serie de fatores para que a intervenção seja completa. Segundo Duarte e Castellani (2002), a combinação de dados antropométricos, de composição corporal, de inquérito alimentar e dos resultados laboratoriais representa o método mais apropriado para traçar o diagnóstico nutricional bem como a melhor adequação no acompanhamento de intervenções dietoterápicas.

3.6 ACADÊMICOS DE NUTRIÇÃO

Sabe-se que o conhecimento é de suma importância na mudança de hábitos, não provocando necessariamente a mudança propriamente dita, mas servindo como instrumento quando há o desejo da ocorrência desta (ZAPPELLINI, 2002).

Sendo assim, um aspecto importante a ser questionado é o quanto o conhecimento adquirido na graduação de nutrição influencia no comportamento alimentar do estudante, uma vez que, de modo generalizado, os universitários, no processo de escolha de alimentos, são influenciados também pela disponibilidade de tempo, recursos financeiros, lugar, variedade de alimentos e qualidade dos produtos oferecidos, apresentando grande risco no desenvolvimento

de carências ou excessos nutricionais (BORGES; LIMA FILHO, 2004; FIATES; SALLES, 2001).

Considerando essas influências e a abordagem “alimentação”, observa-se que há, entre os estudantes de nutrição, grande preocupação. Entendendo-se que o conhecimento adquirido ao longo do curso, o permanente contato com o alimento e o conceito que “boa aparência” podem ser fatores determinantes rumo ao sucesso na profissão, mudanças alimentares muitas vezes radicais podem ocorrer (FIATES; SALLES, 2001).

Para Monteiro et al., (2009) o desequilíbrio da ingestão de determinados grupos alimentares pelos estudantes pode ser considerado preocupante, tendo em vista que se trata de futuros profissionais da área de saúde, que serão formadores de opinião sobre práticas alimentares e agentes de transmissão de conhecimento sobre hábitos de vida saudáveis para a população.

3.7 IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AO NUTRICIONISTA

Devido às grandes modificações na sociedade e considerando a difícil tarefa que é a mudança de hábitos alimentares, o nutricionista vem ganhando destaque nos últimos tempos, pois possui capacitação profissional para atuar como educador, assumindo o importante papel de auxiliar os indivíduos a estabelecer práticas e hábitos alimentares adequados às suas necessidades nutricionais específicas, considerando os recursos alimentares locais e o padrão cultural do indivíduo (GAMBARDELLA; FERREIRA; FRUTUOSO, 2000; VIANNA, 2003).

Para Burlandy (2005), o nutricionista se diferencia dos demais profissionais pela possibilidade de conjugar conhecimentos mais gerais em saúde com outros mais específicos sobre os alimentos, a técnica dietética, prescrição da terapia nutricional, práticas educativas em nutrição, entre outros. Desta forma, para além de informações amplas e princípios gerais sobre alimentação saudável, o nutricionista trabalha na aplicação cotidiana destes princípios, contribuindo para a construção de práticas desde o momento da compra do alimento até o preparo, distribuição e consumo, em diferentes espaços sociais.

Segundo Ferreira (2007), a ação do nutricionista, através da educação nutricional, está baseada na mudança do hábito alimentar do indivíduo, a partir de sua capacitação, para que este possa exercer sua autonomia em relação às escolhas alimentares. Para tanto, utiliza-se do desenvolvimento de metodologias de ensino-aprendizagem para o aprimoramento de habilidades individuais.

A Educação Nutricional configura-se em um campo de atuação educativa do nutricionista, Lei Federal 8.234/91 (CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS, 1996). A Educação Nutricional dá ênfase ao processo de modificar e melhorar o hábito alimentar a médio e longo prazo; preocupa-se com as representações sobre o comer e a comida, com os conhecimentos, as atitudes e valores da alimentação para a saúde, buscando sempre a autonomia do sujeito. O profissional nutricionista é, nesse conjunto, parceiro na resolução dos problemas alimentares; visa uma integração e harmonização nos diversos níveis: físico, emocional e intelectual, quando se trata de mudanças necessárias ao controle de doenças relativas à alimentação; considera a descontinuidade e a transgressão no decorrer das mudanças nos hábitos alimentares, como etapas previsíveis e pertinentes engajadas num processo difícil e lento; além de enfatizar o diálogo (BOOG, 1997).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo com base em dados primários.

Esse estudo foi realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na cidade de João Pessoa, durante o período de Outubro a Dezembro de 2014.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população do estudo foi composta pelos estudantes do Curso de Graduação em Nutrição, da Universidade Federal da Paraíba, localizada no município de João Pessoa. Fizeram parte da amostra 153 alunos selecionados aleatoriamente sendo eles de ambos os sexos, de todas as idades, desde o primeiro período do curso, até o oitavo.

4.3 COLETA DE DADOS

A coleta foi iniciada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), pelo aluno, tendo obtido parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a coleta de dados utilizou-se uma ficha de avaliação do perfil nutricional (Apêndice B), na qual consta dados demográficos e antropométricos do aluno como: nome, sexo, período, peso, altura, IMC, CC, classificação quanto ao IMC, e classificação quanto a CC. Em seguida aplicou-se um questionário dos hábitos alimentares (Anexo A), proposto pelo programa Agita São Paulo (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1998), onde foi feita pequenas alterações. O mesmo possui questões objetivas relativas às refeições realizadas, número e quantidade de porções, para assim observar a qualidade da alimentação consumida pelos estudantes. Foi utilizada a pirâmide alimentar como referência para análise dos dados (Figura 1).

Figura 1 – Pirâmide alimentar

Fonte: Philippi, 2008

Para aferição do peso utilizou-se balança digital de alta precisão com capacidade de até 150 quilos da marca Cadence e para a aferição da altura e circunferência da cintura, utilizou-se fita métrica inextensível da marca Sanny.

Para a mensuração da estatura, os alunos estavam sem calçados, em pé, coluna reta, braços estendidos ao lado do corpo e os calcanhares juntos (KAC, 2007). A partir disso, calculou-se o Índice de Massa Corporal (IMC), obtido a partir da relação peso/estatura^2 , utilizando-se como referência os dados da tabela 1 da Organização Mundial de Saúde para adultos (OMS, 1995).

Tabela 1- Estado Nutricional de Adultos, segundo IMC

IMC (kg/m²)	Classificação
$\leq 16,0$	Magreza grau III
16,0 – 16,9	Magreza grau II
17,0 – 18,4	Magreza grau I
18,5 – 24,9	Eutrofia
25,0 – 29,9	Sobrepeso
30,0 – 34,9	Obesidade grau I
35,0 – 39,9	Obesidade grau II
≥ 40	Obesidade grau III

Fonte: OMS, 1995

A circunferência da cintura (CC) foi aferida utilizando uma fita métrica flexível e inextensível, na qual os estudantes estavam eretos, braços estendidos ao longo do corpo e pernas fechadas (KAC, 2007). Para a classificação de risco para complicações metabólicas associadas à obesidade foi utilizada referência de acordo com a OMS para adultos (Tabela 2).

Tabela 2 – Classificação do risco de morbidades, segundo CC.

Sexo	Risco elevado	Risco muito elevado
Homens	94 a 102 cm	>102 cm
Mulheres	80 a 88 cm	>88 cm

Fonte: OMS, 1998

4.4 QUESTÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, tendo parecer favorável sob o parecer do nº CAAE: 33091114.0.0000.5188.

A participação dos estudantes foi voluntária mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na qual haverá sigilo na identidade do participante.

4.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Inicialmente, uma análise das características da amostra foi expressa através de uma estatística descritiva representada pela frequência simples, utilizando-se medidas de posição como tendência central e de dispersão (média, desvio-padrão e porcentagem). Os dados foram avaliados quanto à normalidade através do teste de normalidade de Lilliefors, que é uma derivação do teste de Kolmogorov-Smirnov (SIEGEL, 1977). Todas as análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do software Core R Development Team (R DEVELOPMENT TEAM, 2009). Para a comparação das médias foi utilizado o teste - t. Considerando para todas as análises estatísticas, os valores de $p < 0,05$ significativos.

5 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 153 estudantes de ambos os sexos, sendo 140 do sexo feminino (91,5 %) e 13 do sexo masculino (8,5%). Quanto ao IMC, observou-se uma média de 22,08 kg/m². Quanto ao valor médio da circunferência da cintura foi de 72 cm (Tabela 3).

Tabela 3 – Características demográficas e antropométricas da população de estudo

Variável	Média	Desvio Padrão	N	%
Gênero				
Masculino			13	8,5
Feminino			140	91,5
IMC (Kg/m ²)	22,08	2,98333		
Classificação do IMC				
Baixo peso			16	10,5
Eutrofia			114	74,5
Sobrepeso			21	13,7
Obesidade			02	1,3
Circunferência da Cintura (cm)	72	0,73		
TOTAL			153	100

Referente aos hábitos alimentares, para o consumo de frutas, 68% dos estudantes consomem \geq a 3 porções de frutas por dia e 31,35% < que 3 porções por dia, quanto aos vegetais a maior prevalência foi de <que 3 porções por dia (88,8%) , o consumo médio de pães, cereais, arroz e massas foi 5,6 porções/dia, leite e derivados 1,74 porções/dia, açúcar e doces 14,34 g/dia, frituras 0,74 vezes/dias e o consumo médio de refrigerante foi de 35,7 ml/dia. Dados destas características estão apresentados na tabela 4.

Tabela 4 - Consumo médio dos hábitos alimentares da população de estudo

Variável	Média	Desvio Padrão	N	%
Hábitos Alimentares				
Porção de Frutas				
< 3 porções de Frutas			48	31,35
≥ 3 porções de Frutas			104	68
Não consome			01	0,65
Porção de Vegetais				
< 3 porções de Vegetais			136	88,8
≥ 3 porções de Vegetais			12	7,8
Não consome			05	3,4
Consumo de pães, cereais, arroz e massas (porções /dia)	5,6	3,18		
Consumo de leite e derivados (porções /dia)	1,74	1,22		
Consumo de açúcar e doces (g/dia)	14,34	9,74		
Consumo de frituras (vezes /dia)	0,74	1,13		
Consumo de Refrigerante (mL/dia)	35,71	39,28		
TOTAL			153	100

Foi então aplicado o teste t, para comparação das médias de consumo por cada período, como pode ser visto nas tabelas (5, 6, 7, 8, 9). Apresentando os valores que foram estatisticamente significativos.

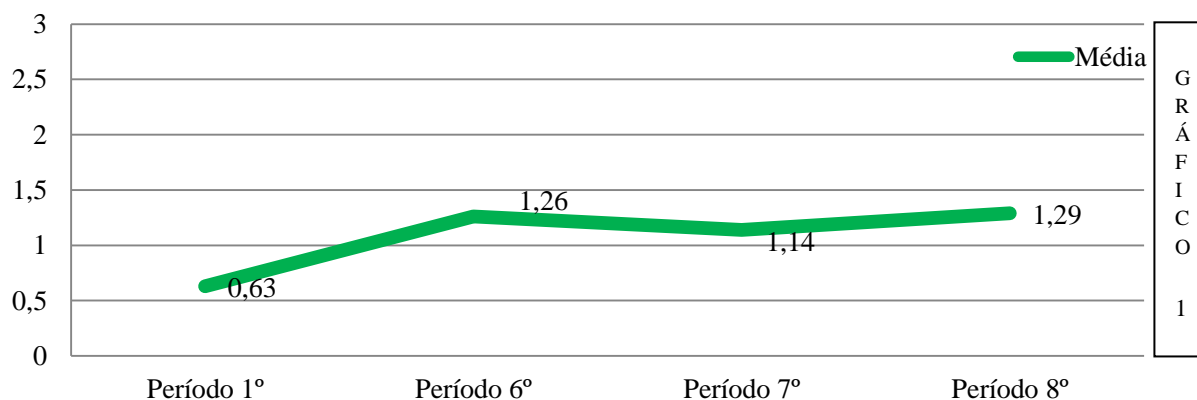
A análise da tabela 5 mostra a relação do consumo de vegetais dessa população e o seu consumo tem uma maior prevalência nas turmas do 8º período (média = 1,29) do que nas do 1º na qual teve o menor consumo (média = 0,63), sendo esta relação estatisticamente significativa.

Tabela 5 – Relação do consumo de vegetais com os períodos da população de estudo

Períodos	Média	p-valor
1º período x 8º período	0,63 1,29	0,008*
1º período x 7º período	0,63 1,14	0,03*
1º período x 6º período	0,63 1,26	0,01*

* p < 0,05

Representado assim graficamente:



Na tabela 6, observa-se que o consumo médio de açúcar e doces obteve diferença significativa entre o 1º período com o 6º período, p-valor 0,03, sendo este consumo maior no primeiro período. De acordo com o questionário utilizado, os dados foram calculados considerando que uma porção equivale a ½ colher de sopa de açúcar, ou seja, 1 porção = 7,5g.

Tabela 6 – Relação do consumo de açúcar e doces com os períodos da população de estudo

Períodos	Média	p-valor
1º período x 6º período	13,13 7,44	0,03*

* p < 0,05

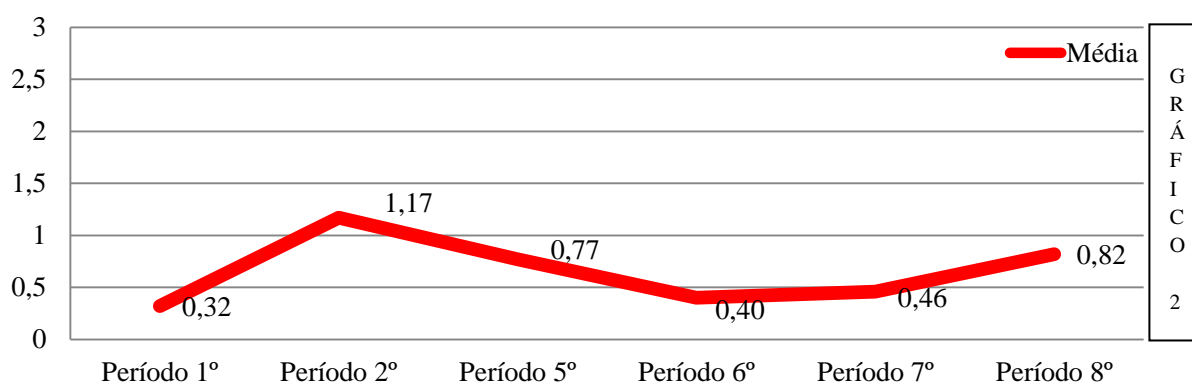
Com relação à análise do consumo de frituras (tabela 7) observou-se que o primeiro período é o menor consumidor com média de 0,32 e o segundo período o que consome mais com média de 1,17.

Tabela 7 – Relação do consumo de frituras com os períodos da população de estudo

Períodos	Média	p-valor	Períodos	Média	p-valor
1º período x 8º período	0,32 0,82	0,01*	5º período x 7º período	0,77 0,46	0,008*
1º período x 2º período	0,32 1,17	0,02*	2º período x 6º período	1,17 0,40	0,03*
1º período x 5º período	0,32 0,77	0,008*	6º período x 8º período	0,40 0,82	0,03*

* p < 0,05

Representado assim graficamente:



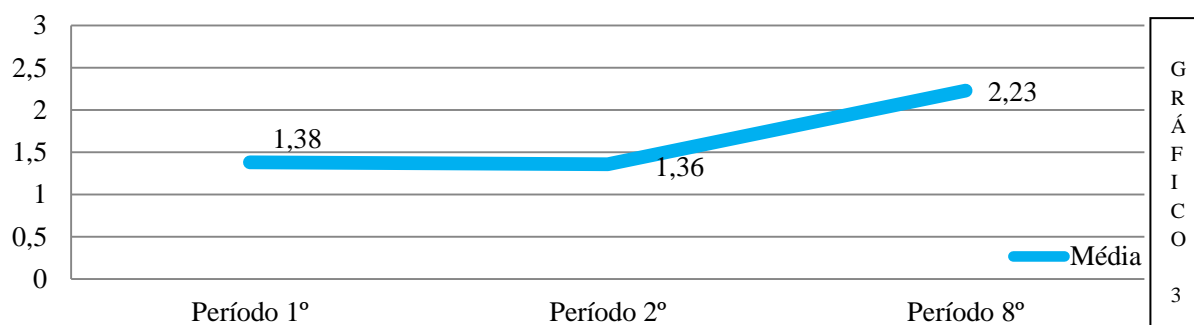
Observa-se, na tabela 8, que o consumo de leite e derivados pelos alunos do 8º período tem uma média de 2,23 por dia, sendo eles os maiores consumidores e o 2º período os menores com média de 1,36.

Tabela 8 – Relação do consumo de leite e derivados com os períodos da população de estudo

Períodos	Média	p-valor
1º período x 8º período	1,38 2,23	0,007*
2º período x 8º período	1,36 2,23	0,02*

* p < 0,05

Representado assim graficamente:



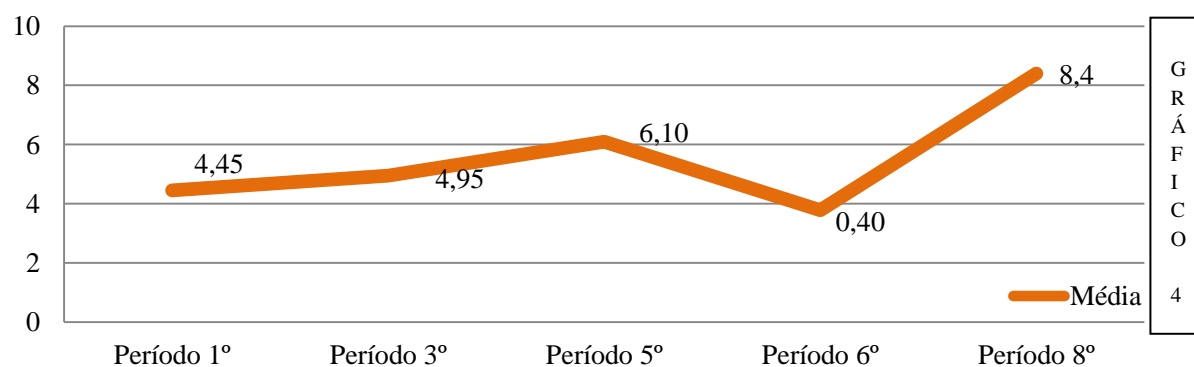
No que diz respeito ao consumo de pães, cereais, arroz e massas, percebe-se uma diferença estatística apenas no 1º, 3º, 5º, 6º e 8º períodos. Onde o 8º período teve uma maior prevalência no consumo de massas em média de 8,40 e menor no 6º período com média de 3,78 (Tabela 9).

Tabela 9 – Relação do consumo de pães, cereais, arroz e massas com os períodos da população de estudo

Períodos	Média	p-valor
1º período x 5º período	4,45	0,02*
1º período x 8º período	4,45	0,001*
3º período x 8º período	4,95	0,01*
6º período x 8º período	3,78	0,0003*

* $p < 0,05$

Representado assim graficamente:



6 DISCUSSÃO

No presente estudo constatou-se que a maioria dos participantes foram do sexo feminino, característica comum aos cursos da área de saúde. Em relação às medidas antropométricas, de acordo com o IMC, a maioria dos estudantes avaliados apresentou valores adequados (74,5%). Ramos (2005), num estudo realizado com universitários, obteve resultados bem similares ao deste trabalho em relação ao IMC. Ela verificou que 77,1% dos estudantes apresentavam-se eutróficos, 15 % com baixo peso, 7,9 com sobrepeso/obesidade.

Quanto à prevalência de Gasparetto e Silva (2014), ao estudar o perfil antropométrico dos universitários, também encontraram resultados semelhantes ao desse estudo, em que 64,2% dos estudantes apresentaram graus adequados de IMC.

A CC foi empregada para identificar a presença de risco de complicações metabólicas. De acordo com a mensuração da CC identificou que a média para esses estudantes foi 72 cm, indicando que não há risco para complicações metabólicas, segundo a classificação da OMS. Esse resultado foi semelhante ao encontrado por Gasparetto e Silva (2014), onde os valores da CC para estudantes de nutrição foram de 78,42 cm.

Sabe-se que uso do IMC é útil para a classificação do estado nutricional em estudos populacionais, porém como medida isolada não é um bom avaliador quando se trata de distribuição de gordura corporal. Portanto, medida como a CC, por exemplo, pode dar informações adicionais quanto à natureza da obesidade.

Em relação aos hábitos alimentares da população em estudo, quanto ao consumo de frutas, existe adequação, 68% dos alunos consomem \geq a 3 porções conforme a pirâmide alimentar de Philippi (2008). No que diz respeito aos vegetais, houve inadequação, pois o consumo da maioria dos estudantes (88,8%) está abaixo do recomendado, ou seja, $<$ que 3 porções. Vieira et al., (2002) em seu estudo com adolescentes ingressos em uma universidade pública discutiu sobre as possíveis rejeições alimentares, sendo que 79,5% citaram o grupo das hortaliças. Neutzling et al., (2009) avaliaram o consumo de frutas, verduras e legumes em adultos e os resultados encontrados foram que 43,5 % consumiam regularmente frutas e 81,5% verduras, incluindo os legumes, resultados diferentes ao encontrado nesse estudo. Ramalho et al., (2012) verificaram no seu estudo que a baixa prevalência de consumo regular de frutas e hortaliças de 14,8% foi evidenciada em acadêmicos da Universidade Federal do Acre, campus de Rio Branco e os maiores consumos foram evidenciados nas faixas etárias mais altas.

Podemos observar que o consumo de vegetais teve uma maior média 1,3 porções/dia nos estudantes do 8º período, seguido pelo 6º, 7º, respectivamente, e o 1º período foi o que obteve a menor média 0.63 por dia. Esse fato pode ser explicado como reflexo das informações recebidas ao longo do curso e por serem mais velhos possuem uma maior maturidade quanto a preocupação com os cuidados à saúde, porém ainda assim o consumo permanece inadequado. Estudo de Jaime et al., (2009) sugerem que os acadêmicos com idades maiores podem apresentar melhor cuidado com a saúde. Os resultados encontrados no estudo de Fernandes (2011) foram semelhantes ao encontrado nesse trabalho, ele realizou um estudo com universitários do 1º e 6º ano de medicina e relatou que os estudantes do 6º ano consumiam frutas e vegetais diariamente, enquanto uma alta porcentagem dos alunos do 1º ano afirmaram consumir raramente frutas e vegetais.

Em relação ao consumo de açúcar e doces a média foi de 14,34 g/dia relatando um consumo inadequado. Quanto ao consumo de refrigerantes a média foi de 35,71 ml/dia. Estudo realizado por Carmo et al., (2006) foi constatado um consumo elevado de doces e uma elevada ingestão de consumo de bebidas com adição de açúcar, principalmente o refrigerante.

De acordo com esse estudo o 1º período foi o maior consumidor desse grupo de alimentos com uma média de 13,13 g/dia. Este fato pode estar relacionado à falta de tempo de realizar as refeições, a ansiedade em situações de estresse físico e até mesmo ao conhecimento ainda não adquirido no início do curso. Como pode se observar há uma evolução quanto ao consumo de açúcar e doces ao comparar a média do 6º período com a do 1º, isso é explicado por Oliveira et al., (2012) que observaram mudanças positivas nos hábitos alimentares de acadêmicos onde o conhecimento adquirido durante o curso, influenciou nessas mudanças.

Em relação ao consumo de frituras a média foi de 0,74 vezes/dia. Pode-se observar no estudo de Feitosa (2010), que o consumo de frituras entre a maioria dos universitários vem diminuindo e tornando-se adequado.

O período que mais consome frituras é o 2º com média de 1,17 vezes/dia. E os outros períodos tem uma frequência baixa do seu consumo. Este resultado é satisfatório já que o consumo desses alimentos traz riscos à saúde, como a contribuição no aparecimento de dislipidemias, obesidade, diabetes e hipertensão (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003).

Em relação ao consumo de leites e derivados, tivemos uma média de 1,74 porções/dia, sendo o seu consumo inadequado de acordo com as recomendações da pirâmide alimentar utilizada nesse estudo que recomenda 3 porções diárias. Marcondelli et al., (2008) também encontraram um percentual baixo de adequação para consumo de leite e derivados entre

universitários. Maciel et al., (2012) nos seus estudos com universitários encontraram resultados inadequados (23%) no consumo de leite e derivados.

Observa-se que o consumo de leite e derivados tem uma maior média 2,23 nos estudantes do 8º período. Diferentemente dos resultados de Matias e Fiore (2010), na qual o consumo de leite e substitutos teve uma maior prevalência de ingestão inadequada no final do curso. As médias do 1º e 2º períodos não teve uma variação muito grande. Este resultado é semelhante aos de Carvalho et al., (2013), onde as acadêmicas de nutrição apresentaram as mesmas proporções de consumo do 1º ao 4º ano.

Com relação ao grupo de pães, cereais, arroz e massas, obteve-se uma média de 5,6 porções/dia, podendo considerar adequada, já que o preconizado pela pirâmide alimentar é de 6 porções diárias. No estudo realizado por Oliveira et al., (2012) ao analisar o consumo desse grupo em mulheres com idade entre 18 a 50 anos, mostrou que a minoria (10%) consome as 6 porções recomendada.

Observa-se que o período que consome mais esse grupo é o 8º, sendo esse consumo inadequado, ou seja, mais que o recomendado. Este fato pode ser explicado devido a esse ser um período de estágios e trabalho de conclusão de curso, na qual a alimentação muitas vezes fica comprometida. Soares e Campos (2008) reporta-se ao cotidiano da população universitária, aonde se evidenciam situações como: carga horária extensa em sala de aula e campo de estágio, sendo que as atividades complementares são desenvolvidas em outro período, geralmente no horário de refeições, à noite, finais de semana e feriados.

Em relação aos resultados encontrados em nosso estudo, quanto aos hábitos alimentares dos estudantes verificamos adequação no grupo das frutas, frituras, pães, cereais, arroz e massas. Já os vegetais, leite/derivados e açúcar/doces encontram-se inadequados. Sabe-se que os alimentos do grupo de leite e derivados são uma boa fonte de cálcio e proteínas. E os vegetais em conjunto com as frutas fazem parte de um grupo de alimentos saudáveis.

No que diz respeito à mudança de hábitos com o passar dos períodos houve uma resposta positiva. Matias e Fiore (2010) em seu estudo com acadêmicas de nutrição no início e no final do curso verificaram que houve melhoras nos hábitos alimentares entre as acadêmicas no final do curso, evidenciando uma maior frequência de consumo de alimentos saudáveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo mostrou, que com relação aos dados antropométricos mais da metade dos estudantes apresentaram-se eutróficos. Observou-se também que a circunferência da cintura encontra-se dentro da faixa de recomendação, indicando assim que para a maioria os riscos de complicações metabólicas podem estar reduzidos.

Em relação aos hábitos alimentares, em geral, verificou-se que houve uma variação quanto à adequação e inadequação da alimentação de acordo com as recomendações abordadas dos grupos alimentares. Contudo, há inadequações no consumo de alimentos pertencentes a importantes grupos como os vegetais e o leite e seus derivados.

Logo, quanto às mudanças para hábitos saudáveis, percebeu-se uma melhora ao longo dos períodos, concluindo que, o conhecimento adquirido pode contribuir para as referidas mudanças. Fato bastante positivo, já que esse público será disseminadores de um estilo de vida saudável. Diante disso, sugere-se que estudos como esse possa ser realizado com outros cursos, principalmente da área da saúde, podendo ser associado com atividades físicas, para avaliar o consumo alimentar juntamente com o exercício físico e assim conhecer o perfil dessa população, tendo em vista que serão modelos a serem seguidos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- ACUNA, K. C. T. Avaliação do estado nutricional de adultos e idosos e situação nutricional da população brasileira. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.** v. 3, n. 48, p. 345-346, 2004.
- ALVES, H. J.; BOOG, M. C. F. Comportamento alimentar em moradia estudantil: um espaço para promoção da saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 197-204, 2007.
- BARBOSA, K, B. F.; MONTEIRO, J. B. R. Avaliação do consumo alimentar e sua associação com o desenvolvimento de doenças crônico-degenerativas. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 25-30, 2006.
- BOOG, M.C.F. Educação nutricional: passado, presente, futuro. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.10, n.1, p.5-19, 1997.
- BORGES, C. M.; LIMA FILHO, D. O. **Hábitos alimentares dos estudantes universitários: um estudo qualitativo**. In: Seminário em Administração, FEA-USP, Mato Grosso do Sul, p. 1-11, agosto. 2004. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/7semead>>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de alimentação e nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRITO, J. Q. B.; GORDIA, A. P.; QUADROS, T. M. B. Revisão de literatura sobre o estilo de vida de estudantes universitários. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa – PR, v. 6, n. 2, p. 66-76, 2014.
- BURLANDY, L. **Atuação do nutricionista em saúde coletiva**. [s.l: s.n.], 2005. Mimeografado.
- CARMO, M. B. et al. Consumo de doces, refrigerantes e bebidas com adição de açúcar entre adolescentes da rede pública de ensino de Piracicaba, São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.121-130, 2006.
- CARVALHO, C. S. et al. Frequência de consumo de grupos alimentares por acadêmicas do 1º e 4º ano nos cursos de nutrição e pedagogia das faculdades unidas do vale do Araguaia no Município de Barra do Garças-MT. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, n. 10, v. 2, p. 78-82, 2013.
- CASOTTI, L. **À Mesa com a Família: um estudo do comportamento do consumidor de alimentos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- CHAN, D.C.; WATTS, G.F.; BARRETT, P.H.R.;BURKE, V. Waist circumference, waist-to-hip ratio and body mass index as predictors of adipose tissue compartments in men. **Q. J. Med.**, v. 96, p. 441-447, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Definição de atribuições principal e específicas dos nutricionistas, conforme área de atuação.** São Paulo, 1996. p. 21.

COUTINHO, J. G.; GENTIL P. C.; TORAL N. A. Desnutrição e obesidade no Brasil: o enfrentamento com base na agenda única da nutrição. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro v. 2, n. 24, p. 332-340, 2008.

DAMATTA, R. O que faz o Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1985. In: CASSOTI, L.; RIBEIRO, A.; SANTOS, C.; RIBEIRO, P. O Consumo de Alimentos e Nutrição: dificuldades práticas e teóricas. **Revista Caderno de Debate**, UNICAMP, v. 6, p. 1-11, 1998.

DUARTE, A.C.; CASTELLANI, F.R. **Semiologia nutricional.** Rio de Janeiro: Axcel, 2002. p. 115.

FALCÃO-GOMES, R. C. et al. Caracterização dos estudos de avaliação do consumo alimentar de pré-escolares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.19, n.6, p. 713-727, 2006.

FEITOSA, E. P. S. et al. Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no nordeste, Brasil. **Alimentos e Nutrição**, Araraquara, v. 21, n. 2, p. 225-230, 2010.

FERNANDES, L.G. R. A. **Diferenças nos hábitos alimentares e imagem corporal entre os alunos do 1º e 6º ano de medicina da Universidade da Beira Interior.** Dissertação de mestrado em medicina, 2011.

FERREIRA V. A, MAGALHÃES R. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. **Caderno de Saúde Pública**, v. 23, n. 7, p. 1674-1681, 2007.

FIATES, G. M. R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.14 Suplemento, p. 3-6, 2001.

FRIZON, J. D. Hábitos alimentares e qualidade de vida: uma discussão sobre a alimentação escolar. **Artigo apresentado ao I Simpósio Nacional de Educação**, Cascavel, 2008.

GAMBARDELLA, A. M. D.; FERREIRA, C. F.;FRUTUOSO, M. F. P. Situação profissional de egressos de um curso de nutrição. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 37-40, 2000.

GARCIA, R. W. D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 4, 2003.

GARCIA, R. W. D.; CANESQUI, A. M. Antropologia e nutrição um diálogo possível. In: GARCIA, R.W.D. **Alimentação e Saúde nas representações e práticas alimentares do comensal urbano.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Cap. 3, p. 167-239.

GASPARETTO, R. M.; SILVA, R. C. C. Perfil antropométrico dos Universitários dos cursos de nutrição, enfermagem, fisioterapia e educação física do centro universitário LA SALLE, CANOAS/RS. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição**, v. 4, n. 1, p. 29-33, 2014.

GERALDO, J.M.; E COLABORADORES. Intervenção nutricional sobre medidas antropométricas e glicemia de jejum de pacientes diabéticos. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 329-340, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, I. T. **A ciência e a arte dos alimentos**. São Paulo: Varela, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde - Celafiscs. **Anual do Programa Agita São Paulo**, São Paulo, 1998.

HABERMAN, S.; LUFFEY, D. Weighing in college students' diet and exercise behaviors. **Journal of the American College Health**. v. 46, n. 4, p. 189-191, 1998.

HERRERA, H. et al. Body mass index and energy intake in Venezuelan university students. **Nutrition Research**, v. 23, n. 3, p. 389-400, 2003.

JAIME, P. C.; FIGUEIREDO, I. C.; MOURA, E. C.; MALTA, D. C. Fatores associados ao consumo de frutas e hortaliças no Brasil, 2006. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. sup 12, p. 57-64, 2009.

KAC, G.; SICHIERI, R.; GIGANTE, D. P.; ORGANIZADORES. Epidemiologia nutricional. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 10, 2007, 580 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 315.

LÓPEZ, M. J. O. et al. Evolución nutricional de una población universitaria. **Nutrición Hospitalaria**, v. 21, n. 2, p. 179-183, 2006.

MACIEL, E. S. et al. Consumo alimentar, estado nutricional e nível de atividade física em comunidade universitária brasileira. **Revista de Nutrição**, v. 25, n. 6, p. 707-718, 2012.

MAHAN, L. K.; SCOTT-STUMP. **Krause Alimentos, Nutrição e Dietoterapia**. 10ed. São Paulo: Roca, 2010.

MARCHIONI, D. M. L.; SLATER, B.; FISBERG, R. M. Aplicação das Dietary Reference Intakes na avaliação da ingestão de nutrientes para indivíduos. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 207-216, 2004.

MARCONDELLI, P. C.; COSTA, T. H. M; SCHMITZ, B. A. S. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.21, n. 1, p. 39-47, 2008.

MATHIEU J. What should you know about mindful and intuitive eating? **Journal American Dietetic Association**, v. 109, n. 12, p. 1982-1987, 2009.

MATIAS, C. T.; FIORE, E. G. Mudanças no comportamento alimentar de estudantes do curso de nutrição em uma instituição particular de ensino superior. **Rev. Soc. Bras. Alim.** São Paulo, v.35, n.2, p.53-66, 2010.

MATOS, M. G.; CARVALHOSA, S. F.; FONSECA, H. **O Comportamento Alimentar dos Jovens Portugueses**. Aventura Social e Saúde, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, v. 5, n. 1, 2001.

MENDONÇA, R.T. **Nutrição: um guia completo de alimentação, práticas de higiene, cardápios, dietas, gestão**. 1 ed. São Paulo: Rideel, 2010.

MEZADRINI, T; GRILLO, L. P. Avaliação do estado nutricional de adultos pelo índice de massa corporal. In: **Simpósio Sul Brasileiro de Alimentação e Nutrição**: História, Ciência e Arte, Florianópolis, Anais, p. 547-551, 2000.

MEZOMO, I. B. **Os serviços de alimentação**. São Paulo: Manole, 2002.

MONTEIRO, M. R. P. et al. Hábito e consumo alimentar de estudantes do sexo feminino dos cursos de Nutrição e de Enfermagem de uma universidade pública brasileira. **Revista APS**, v. 12, n. 3, p. 271-277, 2009.

MORENO, L. A. et al. Harmonization of anthropometric measurements for a multicenter nutrition survey in Spanish adolescents. **Nutrition**, v. 19, n. 6, p. 481-486, 2003.

NEUTZLING, M. B. et al. Fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras em adultos de uma cidade no Sul do Brasil Factors associated with fruit and vegetable intake among adults in a southern. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 11, p. 2365-2374, 2009.

NEVES, M. F.; CHADDAD, F. R.; LAZZARINI, S. G. **Gestão de negócios em Alimentos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, G. G.; LIBERALI, R.; COUTINHO, V. F. Perfil de consumo alimentar de mulheres frequentadoras de uma academia de Curitiba. **Revista de Saúde e Biologia**, v. 7, n. 3, p. 74-85, 2012.

PHILIPPI, S.T. Pirâmide dos alimentos. **Fundamentos básicos da nutrição**. Barueri: Manole, 2008.

RAMALHO, A. A.; DALAMARIA, T.; SOUZA, O. F. Consumo regular de frutas e hortaliças por estudantes universitários em Rio Branco, Acre, Brasil: prevalência e fatores associados. **Caderno de Saúde Pública**, v. 28, n. 7, p. 1405-1413, 2012.

RAMOS, S. A. **Avaliação do estado nutricional de universitários**. (Dissertação apresentada ao programa de pós graduação) – Faculdade de farmácia da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

RODRIGUES, E. M.; SOARES, F. P. T. P.; BOOG, M. C. F. Resgate do conceito de aconselhamento no contexto do atendimento nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 1, 2005.

R DEVELOPMENT TEAM. **R: A language and environment for statistic al computing**. R Foundation for Statistical Computing, 2009.

SALVO, V.L.M.A. Estado nutricional e hábitos alimentares de universitários do curso de nutrição. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, ano 3, n.5, p. 12, 2005.

SANTOS, J. S. et al. Perfil antropométrico e consumo alimentar de adolescentes de Teixeira de Freitas - Bahia. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 5, p. 623-632, 2005.

SIEGEL, S. **Estatística não paramétrica para as ciências do comportamento**. McGraw-Hill do Brasil: São Paulo, 1977.

SILVA, D. A. S.; QUADROS, T. M. B.; GORDIA, A. P.; PETROSKI, E. L. Associação do sobrepeso com variáveis sócio-demográficas e estilo de vida em universitários. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 16, n. 11, p. 4473-4479, 2011.

SOARES, R. D. O. P. S.; CAMPOS, L. F. Estilo de vida dos estudantes de enfermagem de uma universidade do interior de Minas Gerais. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 227-234, 2008.

SODEXO. The Sodexo University Lifestyle Survey, 2012. Sodexo and the Times Higher Education Supplement. Disponível em: <<http://avanconspourluniversite.sodexo.fr/documents/student-survey-uk.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

SORBELLO, A. A. et al. **Desmistificando a Obesidade Severa**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, p. 18-22, 2006.

TORAL, N. et al. Comportamento alimentar de adolescentes em relação ao consumo de frutas e verduras. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 331-34, 2006.

VASCONCELOS, F. A. G. **Avaliação nutricional de coletividades**. 3. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. 154 p.

VIEIRA, V. C. R. et al. Perfil socioeconômico, nutricional e de saúde de adolescentes recém ingressos em uma universidade pública brasileira. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.15, n. 3, p. 273-282, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Physical status**: the use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO Technical Report Series.1995.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity**: preventing and managing the global epidemic. Geneva: WHO Technical Report Series, n. 894, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Diet nutrition and the prevention fchronic diseases**: report of a joint WHO/FAO expert consultation. Geneva: WHO Technical Report Series, 2003.

ZACCARELLI, E. M. Modelo transteórico e curso de vida. In: FISBRG, R. M.et al. **Inquéritos alimentares**: métodos e bases científicas. São Paulo: Manole, 2005. cap.2, p. 53-70.

ZAPPELINI, E. M. S. **Aspectos relevantes para formação do estudante de nutrição: a dietoterapia na neurotransmissão.** 2002. 99 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa com o título de **“O perfil nutricional e os hábitos alimentares dos estudantes de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”** está sendo desenvolvida por Mirela Ribeiro Santos Silva, aluna do Curso de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Prof. Msc. Sônia Cristina Pereira de Oliveira.

Os objetivos desta pesquisa são: avaliar o perfil e hábitos alimentares dos estudantes do Curso de graduação em Nutrição, analisar o estado nutricional, assim como verificar as mudanças de hábitos ao longo do curso.

A finalidade deste trabalho é contribuir para descrição de características alimentares e nutricionais dos estudantes, para que assim se possa conhecer o perfil desse grupo específico.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. A participação nesta pesquisa não apresenta risco para o(a) Senhor(a), já que em nenhum momento da pesquisa o mesmo terá sua identificação revelada, de acordo com a Resolução n. 466/2012.

Solicito sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da divulgação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Endereço (Setor de Trabalho) da Pesquisadora Responsável: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências da Saúde – Campus I. Cidade Universitária. Telefone para contato: (83) 8706-6782 / (83) 9805-9804

APÊNDICE B – Ficha do perfil nutricional

FICHA DO PERFIL NUTRICIONAL

Nome: _____

Sexo: _____

Período: _____

Peso: _____

Altura: _____

C.C: _____ Classificação quanto ao risco: _____

IMC: _____ Classificação: _____

ANEXOS

ANEXO A – Questionário sobre os hábitos alimentares

QUESTIONÁRIO DOS HÁBITOS ALIMENTARES

1. Qual a quantidade de frutas que você consome? (Considere que uma porção equivale aproximadamente a 1 pedaço pequeno ou 1 copo pequeno de suco natural).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
2. Quantas vezes você come alimentos na forma de frituras?
_____ vezes por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
3. Qual a quantidade de vegetais que você consome? (Considere que uma porção equivale aproximadamente quando cozida uma xícara e cru $\frac{1}{2}$ xícara).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
4. Qual a quantidade de carnes que você consome? (Considere que uma porção equivale a 1 bife pequeno - carne vermelha, ave ou peixe).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
5. Qual a quantidade de ovos que você consome? (Considere que uma porção equivale a 1 ovo).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
6. Qual a quantidade de feijões ou grãos que você consome? (Considere que uma porção equivale $\frac{1}{2}$ concha de grãos – feijão, lentilha, grão de bico, etc).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca

7. Qual a quantidade de leite e/ou derivados que você consome? (Considere que uma porção equivale a 1 copo de leite ou iogurte, 1 fatia média de queijo ou 1 fatia grande de queijo leve).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
8. Qual a quantidade de pães, cereais, arroz e massas que você consome, somando todos? (Considere que uma porção equivale a 1 fatia de pão, ½ copo de cereal pronto, 2 colheres cheias de cereal cozido, arroz ou massas ou 5 a 6 bolachas pequenas).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
9. Qual a quantidade de gorduras ou óleos que você consome? (Considere o óleo colocado em saladas, sendo que uma porção equivale a 1 colher de chá de óleo ou azeite, ou ainda uma colher de chá de manteiga, margarina ou maionese).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
10. Qual a quantidade de açúcar e doces que você consome, somando os dois? (Considere que uma porção equivale a ½ colher de sopa de açúcar ou uma unidade/fatia pequena de doce).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
11. Qual a quantidade de líquidos que você consome? (Considere que uma porção equivale a 1 copo médio de água).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
12. Quantas porções de bebidas alcoólicas você consome? (Considere que uma porção equivale a uma lata de cerveja, uma dose de wisk ou destilados, uma dose de cachaça ou um copo de vinho).
_____ porções por: () Dia () Semana () Mês () Nunca
13. Quantos copos você consome de refrigerante? (Considere um copo de 200 ml).
_____ por: () Dia () Semana () Mês () Nunca

ANEXO B – Certidão




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 9ª Reunião realizada no dia 18/09/2014, o Projeto de pesquisa intitulado: **“O PERFIL NUTRICIONAL E HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)”** da Pesquisadora Sônia Cristina Pereira de Oliveira. Protocolo 0381/14. CAAE: 33091114.0.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB